Plano de Desenvolvimento

O Plano de Desenvolvimento apresentado a seguir foi elaborado para explicitar os objetos de conhecimento e as habilidades a serem trabalhados ao longo dos quatro bimestres do 7o ano do ensino fundamental e propor práticas pedagógicas que contribuam para que os alunos exercitem as habilidades e desenvolvam as competências que lhes possibilitem prosseguir com seus estudos.

Na primeira parte deste material, sugerem-se quatro atividades que podem ser desenvolvidas de forma recorrente ao longo de todos os bimestres e também quatro formas de gestão das aulas. As atividades podem ser utilizadas como ferramenta pedagógica para diversificar as maneiras de apresentar os conteúdos e promover o exercício da participação e do protagonismo dos alunos. As sugestões para a gestão das aulas, por sua vez, podem contribuir para tornar a prática docente mais assertiva. Além disso, são apresentadas sugestões para acompanhamento constante da aprendizagem e a bibliografia de suporte deste material.

Na sequência, encontram-se organizados bimestralmente os seguintes materiais.

* Propostas de organização do curso: os temas que devem ser estudados são acompanhados dos respectivos objetivos específicos, dos objetos de conhecimento e das habilidades propostas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para os anos finais do ensino fundamental, além de uma lista de práticas pedagógicas relacionadas ao conteúdo estudado.
* Lista de requisitos para a progressão dos alunos.
* Indicação de materiais complementares: sugestão de livros, artigos, *sites* e filmes relacionados aos temas estudados no bimestre que podem interessar a você e aos alunos.
* Proposta de um Projeto Integrador, que reúne objetos de conhecimento e habilidade de pelo menos dois componentes curriculares, e contribui para o desenvolvimento das Competências Gerais da Educação Básica contidas na BNCC.

Atividades recorrentes para todos os bimestres

As atividades recorrentes são, basicamente, procedimentos. São técnicas, métodos, habilidades motoras, estratégias cognitivas e rotinas escolares que constituem meios para a aprendizagem. O educador espanhol Cesar Coll define procedimentos como conjuntos de ações que possibilitam a realização de determinadas metas. Isso significa que procedimento é um “saber fazer” que torna a aprendizagem eficiente. Assim, segurar corretamente o lápis, manusear o compasso e a tesoura, usar instrumentos de laboratório, fazer um resumo, construir uma linha do tempo, preparar e apresentar um seminário, elaborar uma pesquisa, ler e interpretar uma imagem, um gráfico, uma tabela ou um texto, entre outras coisas, são procedimentos.

Procedimentos sempre fizeram parte das atividades escolares, mas não estavam explicitamente previstos no currículo. Foi com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, na década de 1990, que os documentos do Ministério da Educação começaram a diferenciar conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, e a tratá-los como parte do currículo escolar. Desde então, as escolas passaram a ter como preocupação ordenar e sistematizar as ações dos alunos para o desenvolvimento de sua autonomia, instrumentalizando-os para que, ao concluir o ensino básico, sejam capazes de aprender por conta própria, sem a necessidade da tutela de alguém. Entretanto, para isso, os procedimentos ensinados na escola devem ser incorporados pelos estudantes; devem ser automatizados e mobilizados com desenvoltura sempre que se fizerem úteis para a aprendizagem, o que só acontece se, ao longo da vida escolar, o jovem for solicitado a realizar recorrentemente os procedimentos ensinados. É a repetição do procedimento, em ocasiões variadas, que assegura sua assimilação.

Várias atividades pedagógicas recorrentemente empregadas pelos professores em sala de aula podem ser utilizadas para o desenvolvimento das habilidades e competências propostas na BNCC. Muitas das atividades sugeridas a seguir podem já estar incorporadas no cotidiano escolar e pedagógico; outras podem servir de inspiração para que se pense em estratégias que possibilitem o desenvolvimento das Competências Gerais da Educação Básica propostas na BNCC, como a valorização do conhecimento historicamente construído, o exercício da curiosidade intelectual de investigar em bases científicas, a compreensão das manifestações artísticas e culturais, bem como o desenvolvimento da argumentação com base na empatia, no diálogo e na resolução de possíveis conflitos.

Nas páginas que seguem, são propostas quatro atividades a serem aplicadas aos alunos e avaliadas recorrentemente ao longo dos bimestres. Espera-se que, ao final do quarto bimestre, tenham sido incorporadas às práticas dos estudantes, sendo mobilizadas autonomamente por eles sempre que se mostrarem úteis para abreviar o caminho do aprendizado.

Tarefas em casa

A realização de tarefas em casa é uma ferramenta significativa de aprendizado. Elas podem auxiliar na consolidação dos conteúdos trabalhados em sala de aula ou ser utilizadas para aprofundamento do saber quando envolvem o estabelecimento de relações entre conteúdos distintos trabalhados em sala de aula. É importante propô-las de forma sistemática, tendo em vista esses diferentes objetivos. Por essa perspectiva, a tarefa de casa não pode ser utilizada como “punição”, ou de forma esporádica, devendo ser incorporada ao cotidiano escolar como parte significativa do processo de aprendizagem.

Além da lógica de pergunta e resposta sobre conteúdos trabalhados previamente em sala de aula, as tarefas de casa podem assumir outras características, com base nas chamadas metodologias ativas. Na definição do professor José Moran, as metodologias ativas são as que dão ênfase ao protagonismo dos alunos e em seu envolvimento direto, participativo e reflexivo nos processos de aprendizagem. Dessa forma, podem-se propor, por exemplo, atividades de investigação de problemas concretos, de reflexão sobre determinados contextos e/ou de criação de produtos com base em uma realidade concreta. O importante é que não se espere apenas uma resposta para essas atividades, e que os alunos sejam protagonistas da produção.

Partindo dessa visão, podem ser propostas atividades de pesquisa que preparem os alunos para os assuntos que serão estudados em sala de aula.

Ler um texto, assistir a um vídeo ou realizar uma pesquisa dos assuntos que serão tratados em seguida em sala de aula são procedimentos relacionados ao que se chama, nas metodologias ativas, de aula invertida. Essa ferramenta possibilita aos alunos refletir sobre o conteúdo que será desenvolvido e participar da aula de forma mais autônoma, “aquecido” para a discussão que vem a seguir.

Conforme as condições de cada escola e a realidade dos alunos, outras tarefas de casa que fujam da lógica de sistematização de conteúdos previamente ensinados em sala de aula podem ser feitas. A personalização de tarefas de casa é uma estratégia interessante para recuperar alunos com dificuldades de aprendizado e também permitir aos que estão mais avançados continuar a evolução. Dessa forma, o professor cumpre o papel de mediador importante entre os alunos e o conhecimento, possibilitando a cada um seguir o caminho de aprendizado de acordo com seu ritmo e suas necessidades.

Promovendo essas tarefas de casa, é possível contribuir para o desenvolvimento de diversas competências expostas na BNCC. Exemplos são as **Competências Gerais da Educação Básica no 2 e no 4**, que versam sobre a curiosidade intelectual, a criatividade, a reflexão e a análise crítica para formular hipóteses e refletir sobre a resolução de problemas, assim como utilizar diversas linguagens para expor pontos de vista, ideias e sentimentos em diferentes contextos.

O acompanhamento da realização das tarefas em casa pelos pais ou familiares vai diminuindo à medida que os estudantes avançam em seus estudos e adquirem maturidade e responsabilidade. A fim de ajudá-los nessa transição, apresente-lhes algumas sugestões para facilitar a realização das tarefas.

* **Anotar na agenda todos os pedidos de tarefa para ser feita em casa.** Assim, não se corre o risco de esquecer de fazer alguma tarefa. Além disso, ao verificar todas as tarefas que precisam ser feitas, será possível organizar o tempo de forma mais adequada.
* **Verificar o tipo de tarefa proposta a fim de avaliar o tempo necessário para realizá-la.** Se as atividades forem perguntas que podem ser respondidas apenas com a leitura do material didático ou com a ajuda das anotações feitas em aulas, o tempo necessário para fazê-las é curto. Caso, para fazer as atividades, seja necessário ler textos de terceiros, analisar fontes primárias, mapas ou imagens e, principalmente, realizar pesquisa, deve-se reservar um tempo maior na agenda para fazê-las e, se necessário, pedir ajuda a familiares.
* **Fazer tarefas mais fáceis para depois iniciar as mais difíceis.** Antes de começar a resolução das atividades, convém separar as mais diretas, como as de pergunta e resposta simples, das que demandam comparação, relação ou pesquisa. Inicialmente, podem-se fazer as mais simples, pois, muitas vezes, elas servem para relembrar o conteúdo estudado, o que ajuda na resolução das que demandam, além do conhecimento do conteúdo, o estabelecimento de conexões com assuntos não vistos em sala de aula.
* **Formar um grupo de estudos.** Se possível, combinar com os colegas que residem próximos um horário do dia para estudar juntos. Muitas vezes, uma tarefa que é fácil para um pode ser difícil para outro,   
  e vice-versa. O estudo em grupo pode contribuir de forma significativa para o aprendizado colaborativo.
* **Fazer rascunho das respostas e textos produzidos antes de passá-los para o caderno.** Assim, é possível verificar se existem erros ortográficos e gramaticais, se a resposta está coerente com a pergunta, se todos os itens da questão foram contemplados etc.

Sempre que possível, corrija em sala de aula, coletivamente, as atividades que os alunos realizam em casa para que eles se pronunciem e consigam se autoavaliar nesse momento. A tarefa de casa pode ser um instrumento eficaz para sistematizar conteúdos previamente estudados, mas também, e talvez principalmente, uma forma de estimular os alunos a descobrir novas maneiras de aprender e tornar-se mais interessados e curiosos em relação ao assunto em questão.

Estudo em grupo

Segundo a teoria das metodologias ativas, o cérebro humano aprende por conexões em rede. Dessa forma, o aprendizado ocorre pela conexão com os outros, de maneira formal ou informal, de forma organizada ou mais aberta, por meio do contato direto ou virtual. Assim, um dos aspectos mais importantes desse processo é a troca de experiências, possibilitando o contato com outras formas de aprender e, mais que isso, de lidar com aquilo que se aprende, ampliando horizontes e estabelecendo cada vez mais conexões. Por isso, é importante estimular os alunos a se ajudar, a ser solidários, a trabalhar coletivamente. Para que o estudo em grupo seja produtivo, entretanto, é importante orientar a turma sobre alguns aspectos.

* **Organizar-se em grupos não muito grandes.** Grupos com muitos integrantes dificultam a organização para o estudo. Para que se efetive, é preciso que muitas pessoas tenham a mesma disponibilidade de horário, que o local de encontro seja próximo a muitas residências, entre outros aspectos que dificultam a reunião do grupo.
* **Estabelecer metas para o estudo.** Em grupo, em razão da diversidade de pessoas, é necessário criar uma lista de objetivos; pode-se, por exemplo, estabelecer prioridades por meio de perguntas como: “o estudo de que componente curricular é mais difícil para a maioria dos integrantes?”.
* **Estipular um horário para o estudo.** Delimitando o tempo para o encontro, e tendo a lista de objetivos de estudo em mãos, o grupo evita dispersar-se.
* **Respeitar as opiniões e ideias dos colegas, lembrando-se de que conversa e debate não são sinônimos de discussão.** É importante construir um ambiente de empatia, aproximação, escuta e compartilhamento.
* **Identificar os componentes para trabalhos a serem entregues em grupo.** Nos trabalhos que podem ser feitos e entregues pelo grupo, é preciso identificar todos os integrantes na capa ou na primeira página do trabalho, inserindo os nomes em ordem alfabética.

Ao estruturar com a turma os grupos de estudo, procure respeitar a autonomia dos alunos, mas discuta com eles a necessidade de todos serem incluídos e respeitados, pois somente assim o estudo em grupo contribuirá para o desenvolvimento das **Competências Gerais da Educação Básica no 6**, **no 7**, **no 9** e  
**no 10**.

Pesquisa na biblioteca

A utilização da biblioteca é uma ferramenta muito importante ao longo de todo o ensino fundamental. No 7o ano, o estímulo ao uso da biblioteca pode ser decisivo para que os alunos adquiram o hábito de frequentar esse espaço da escola ou a biblioteca pública mais próxima, como forma de aprendizado e de diversão. O convívio com os livros e referências pode tornar a leitura uma prática incorporada pelos alunos mesmo depois de encerrada sua vida escolar, desde que estimulada nessa fase da sua formação.

No cotidiano escolar é importante que os professores e os responsáveis pelo funcionamento da biblioteca trabalhem em parceria para que esse espaço seja utilizado da melhor forma possível. Para os alunos de ensino fundamental, o acompanhamento do uso da biblioteca é importante. Aos poucos, eles incorporarão os processos e conquistarão autonomia na utilização desse espaço.

Dessa forma, sugerem-se alguns procedimentos no uso da biblioteca para o trabalho escolar com alunos do 7o ano.

Informe-os da necessidade de:

* **realizar cadastro na biblioteca.** Antes de mais nada, na maioria das bibliotecas é necessário ter um cadastro para retirar os livros. Deve-se verificar quais são os documentos necessários para fazer o cadastro;
* **pesquisar o acervo da biblioteca da escola para o trabalho e o tema solicitados.** Delimitar o assunto da pesquisa contribui para que se encontrem as áreas específicas da biblioteca nas quais estão dispostos os livros de que se precisa;
* **verificar a data de devolução do material.** Caso seja necessário retirar material para concluir uma pesquisa em casa, é preciso anotar na agenda a data de devolução desse material. O atraso acarreta punições, como o impedimento temporário de solicitar empréstimos;
* **anotar as fontes consultadas como referência bibliográfica.** No caso de livros, a indicação bibliográfica geralmente é feita desta forma: “PRANDI, Reinaldo. *Ifá, o adivinho*: histórias dos deuses africanos que vieram para o Brasil com os escravos. São Paulo: Companhia das Letras, 2002”.

Apresentar algumas estratégias para o uso da biblioteca para os alunos não significa reduzir a dimensão de exploração dela por eles. Nesse sentido, é importante deixar espaços para a descoberta, incentivando os alunos a utilizar a biblioteca de forma que se apropriem do local. Esclareça, entretanto, que todos devem respeitar as regras de funcionamento de um ambiente onde o silêncio e a discrição são importantes, pois se trata de um local que as pessoas utilizam para ler e onde precisam se concentrar. Dessa forma, barulho e conversas atrapalham o funcionamento do ambiente. O diálogo com a turma no momento de uso da biblioteca é fundamental para que o trabalho tenha resultado.

Essa proposta pode ajudar os alunos a desenvolver formas de organização, disciplina e respeito mútuo, assim como valorizar e utilizar um espaço público, o que é importante para o aprimoramento das **Competências Gerais da Educação Básica no 3**, **no 6** e **no 10**.

Leitura e fichamento de textos

A capacidade leitora é decisiva na formação dos alunos. Dessa forma, é essencial que, pensando no protagonismo que a BNCC propõe, os alunos sejam instados a desenvolver essa capacidade para tornar-se autônomos na compreensão de textos de diferentes gêneros e, progressivamente, mais complexos.

Indique aos alunos textos com diferentes características e proponha a produção de diversas formas de anotação da leitura. É importante selecionar textos variados – fontes históricas, textos didáticos, textos paradidáticos, trechos de especialistas e até mesmo obras literárias –, associando-os com os conteúdos que estão sendo estudados.

Ao longo dos bimestres, incorpore novos textos, aumentando o nível de complexidade, de acordo com a evolução dos alunos na leitura e na produção de sínteses bem elaboradas desses textos. As produções historiográficas ou outros gêneros de texto devem ser estimulantes e adequados à faixa etária em questão, para que os alunos percebam que a leitura é acessível a eles. Estimule a troca de produções e a colaboração entre os alunos.

Garanta, progressivamente, que os alunos sejam capazes de produzir resumos, sínteses e fichamentos dos textos, debatendo com eles os conteúdos, valorizando as interpretações que conseguem estabelecer e os pontos de contato entre os textos lidos e discutidos. Assim, os alunos poderão desenvolver a **Competência Geral da Educação Básica no 10**, ao agir com autonomia e responsabilidade, buscando a construção do conhecimento. A troca de produções e o auxílio mútuo nesse processo estão relacionados à **Competência Geral da Educação Básica no 9**, fundamental para a vida coletiva, exercitando a empatia, o diálogo e a resolução de conflitos de forma pacífica.

Para ajudá-los na produção dos fichamentos dos textos, apresente-lhes algumas sugestões de procedimento.

* **Ler integralmente o texto.** Para que se realize um fichamento, é necessário ler o texto original de forma atenta e mais de uma vez. Apenas compreendendo o sentido geral do texto é possível identificar seus elementos centrais e periféricos.
* **Destacar elementos centrais e adjacentes para a compreensão do texto.** Ao escrever as ideias centrais do texto com as próprias palavras, é possível visualizar o recorte textual necessário para a realização do fichamento.
* **Destacar as palavras-chave do texto.** Pode-se estabelecer qual o texto para cada marcador a partir das palavras-chave, deixando uma em cada frase do fichamento.
* **Escrever as frases-chave que vão nos marcadores.** É importante usar frases curtas e diretas sempre que possível, tentando sintetizar um trecho em um parágrafo.
* **Reler o fichamento e compará-lo com o texto original.** Assim, será possível verificar se foi inserido o necessário para abarcar as ideias presentes no texto original e se foi seguida a ordenação dele.
* **Passar a limpo o fichamento.** Depois da revisão, em que é possível identificar eventuais erros ortográficos e gramaticais, deve-se copiar o fichamento no caderno.

Vale lembrar para os alunos que fichamentos e resumos em tópicos podem ser usados também para sintetizar textos e anotações realizadas em aula, e a exposição na lousa ou oral feita pelo professor. Essa atividade serve para retomar as aulas e organizar o caderno, facilitando os estudos e a realização de atividades, trabalhos e provas ao longo dos bimestres.

Provavelmente, no primeiro bimestre, será necessário incentivar os alunos a fazer resumos e fichamentos dos textos e das anotações de aula, mas, no decorrer dos bimestres, ao verificar que os resumos ajudam nos estudos, eles passarão a fazer a atividade de forma autônoma, quase automática.

Sugestões para a gestão das aulas em todos os bimestres

A construção do papel dos jovens como estudantes ocorre ao longo de todo o ensino fundamental. É nessa etapa que se adquire o repertório conceitual básico dos diferentes componentes curriculares e se desenvolvem condutas favoráveis ao aprendizado. É ainda nessa fase de escolarização que as relações de troca intelectual com os colegas e professores intensificam-se e se tornam mais frequentes, promovendo o desenvolvimento das capacidades de negociação, cooperação e diálogo.

Justamente pela natureza formativa do ensino fundamental, o papel do professor como mediador do processo de aprendizagem é muito relevante. É o educador quem facilita para os estudantes o acesso à informação e o desenvolvimento de habilidades e competências e da capacidade de organização para o estudo, além de coordenar os trabalhos realizados em sala de aula e intermediar conflitos.

Por essas razões, a organização e a gestão das aulas precisam ser bem administradas para que o tempo seja aproveitado ao máximo e os objetivos do processo de ensino e aprendizagem sejam atingidos. Cabe ao professor conduzir de forma democrática e inclusiva a gestão da sala de aula, considerada de forma ampla, não apenas como o espaço físico onde ocorrem os encontros com os alunos, mas como a relação cotidiana construída ao longo do processo educativo.

Trabalhos em grupo

O trabalho em grupo é uma forma de organização da turma em que podem ser desenvolvidas algumas habilidades socioemocionais fundamentais para a construção de sujeitos autônomos e capazes de trabalhar coletivamente. É fundamental que os alunos sejam preparados para a execução desse trabalho, otimizando espaços, recursos e tempo, a fim de garantir que a atividade seja significativa e alcance o objetivo pedagógico imaginado.

Partindo desses pressupostos, mostre aos alunos a importância do trabalho coletivo e converse com eles sobre a necessidade de ouvir e ser ouvido, de buscar o diálogo, de praticar o respeito, o acolhimento e o auxílio entre os membros do grupo para que se obtenha êxito.

Ao trabalhar coletivamente, levando em consideração para a realização de uma tarefa não apenas as próprias ideias e opiniões, mas também as dos colegas, esse tipo de atividade contribui para o desenvolvimento das **Competências Gerais da Educação Básica no 8** e **no 9** e da **Competência Específica de Ciências Humanas no 1**.

Deixe claro aos alunos o objetivo do trabalho, os resultados esperados e o modo de obtê-los. Com base nessas referências, eles poderão se organizar em grupos para tal fim. Não permita que algum aluno seja excluído e estimule a organização de grupos diferentes dos habituais para que todos possam experimentar trabalhar com colegas com quem não costumavam se relacionar e assim possibilitar a todos que se sintam incluídos no projeto.

Em seguida, organize a turma em grupos de, no máximo, cinco membros. Isso ajuda o trabalho coletivo, nessa faixa etária, a funcionar melhor. Mais alunos por grupo pode comprometer o trabalho, já que a comunicação e a efetiva participação de todos se tornam mais difíceis. Disponha os alunos de modo que a divisão dos grupos seja facilmente identificada e com espaço suficiente entre eles para que você possa circular.

É importante também determinar etapas para o cumprimento da tarefa e acompanhar o trabalho de cada grupo, para auxiliar os alunos a atingir o objetivo pedagógico proposto. Procure mantê-los atentos ao objetivo, impedindo-os de desviar o foco para atividades não vinculadas ao trabalho, conversando com os grupos e propondo alternativas caso dificuldades de qualquer natureza apareçam. A execução das tarefas coletivas deve ser sempre discutida com a turma, mostrando aos alunos que cada etapa tem um papel importante no resultado do trabalho.

Apresentação de material audiovisual

O uso de recursos audiovisuais em sala de aula é considerado um bom instrumento pedagógico caso esteja articulado organicamente com o conteúdo e os objetivos em questão. Caso não seja bem pensado, o uso dessa ferramenta pode ser inócuo, desestimulante e desinteressante.

Em primeiro lugar, é importante preparar a turma para a atividade com o recurso audiovisual. Os alunos devem ser informados sobre os objetivos do uso daquele instrumento, as razões pedagógicas e os resultados a que se pretende chegar. Assim, eles terão clareza de todo o processo e identificarão o audiovisual como um recurso do processo ensino-aprendizagem.

Tomada a decisão da utilização de trechos de vídeos na aula, deve-se pensar no modo como isso será feito. O espaço da sala de vídeo ou da sala de aula deve ser organizado de acordo com a necessidade da tarefa proposta. Dessa forma, caso o recurso seja usado para exibir um filme e, em seguida, propor um debate, a configuração da sala em U é a mais adequada para que o debate flua naturalmente após a exibição do vídeo. Já no caso de se pretender que os alunos produzam um texto ao final da exibição, é interessante o formato em fileiras, para garantir que a turma se concentre na tarefa após o encerramento da exibição do vídeo.

É importante, também, que se pense na utilização dos recursos audiovisuais com base em sua funcionalidade. Trechos de filmes ou animações, por exemplo, devem ser vistos com concentração e foco. Já se o recurso é mais interativo, é importante coordenar a participação dos alunos durante a exibição, permitindo a manifestação deles à medida que a interatividade se realize.

Algumas estratégias que podem ajudar nessa tarefa.

* Estabeleça um objetivo pedagógico claro ao utilizar o recurso audiovisual.
* Procure recursos que sejam adequados à faixa etária e atraentes à turma. Para que sejam atingidos seus objetivos pedagógicos, os alunos precisam se envolver com a proposta.
* Assista ao recurso audiovisual antes de exibi-lo aos alunos, procurando assim novas ferramentas ou intenções para o trabalho e verificando sua funcionalidade em sala de aula.

O uso de ferramentas audiovisuais, se bem realizado, contribui para que os alunos desenvolvam a

**Competência Geral da Educação Básica no 3**.

Realização de pesquisas na internet e/ou trabalhos em computador

A sala (ou laboratório) de informática das escolas pode ser um bom espaço de trabalho pedagógico ao longo dos bimestres. Entretanto, uma estratégia para esse uso é fundamental para garantir resultados efetivos.

Antes de usar a sala ou laboratório de informática, é preciso que o professor vá até o local verificar o funcionamento dos microcomputadores e de seus *hardwares* e *softwares*, bem como a velocidade de acesso à internet (se houver), ou seja, é necessário conferir se os equipamentos estão em condições de uso para a tarefa que se pretende realizar. Em caso positivo, pode-se partir para a próxima etapa; em caso negativo, é preciso verificar as possibilidades de conserto dos equipamentos.

Num segundo momento, é importante que se verifique a quantidade de equipamentos disponíveis e a quantidade de alunos que os utilizarão ao mesmo tempo, para adaptar a tarefa a essas condições. Esse é um detalhe importante, já que não se pode exigir que os alunos produzam algo individualmente se não houver recurso para isso.

Numa terceira etapa, elabore a tarefa de pesquisa, indicando algumas fontes e o tipo de produto que os alunos deverão produzir. Essa etapa deve ficar bem clara aos alunos, para que, quando forem à sala ou laboratório de informática, já tenham ideia do tipo de trabalho que realizarão.

No momento de realização da atividade na sala de informática propriamente dita, é importante verificar o andamento do trabalho de cada aluno. Caso haja um monitor, apresente-lhe a proposta de trabalho e o envolva na tarefa, para que possa auxiliar os alunos na execução desse trabalho.

Por fim, discuta com os alunos o resultado do trabalho e analise com a turma todas as possibilidades de uso desse tipo de recurso para que as aulas se tornem mais interessantes e motivadoras, pois, mesmo que alguns dos alunos não tenham acesso à internet em suas residências, nasceram em um mundo dominado pela internet e pelas tecnologias de informação. Dessa forma, o protagonismo dos alunos será estimulado e aqueles que não acessam regularmente esses tipos de ferramenta poderão ser capacitados a utilizá-las, garantindo a inclusão digital, um dos aspectos que asseguram, no mundo contemporâneo, a plena cidadania.

As atividades realizadas pelos alunos utilizando meios tecnológicos e digitais contribuem para o desenvolvimento da **Competência Geral da Educação Básica no 5**, das **Competências Específicas de Ciências Humanas no 2** e **no 7** e da **Competência Específica de História no 7**.

Realização de leitura coletiva

Uma tarefa interessante que os professores muitas vezes realizam em sala de aula é a leitura coletiva de um texto. Com esse tipo de estratégia, pretende-se, geralmente, treinar a leitura em voz alta, assim como manter a atenção dos alunos no texto que está sendo lido e facilitar a compreensão e a discussão do assunto em questão.

É importante selecionar um texto que se relacione com o conteúdo ensinado e que seja acessível aos alunos. É fundamental, também, elaborar questões para motivar a discussão oral do texto e a análise do assunto tratado.

O momento da leitura coletiva deve ser entendido pelos alunos como um instante em que não haverá outras distrações e/ou objetivos que não a compreensão profunda e a posterior análise do texto lido coletivamente. Assim, essa compreensão e interpretação são resultantes de um esforço coletivo, coordenado pelo professor e posto em prática com os alunos.

Para essa atividade, a turma pode ser organizada na sala de aula em diversos formatos, como o tradicional enfileiramento, os círculos ou formatos em U. É possível até utilizar outros espaços da escola, como o pátio ou a sala de leitura, desde que verificado o silêncio necessário para a realização da atividade.

No início do primeiro bimestre, podem ser lidos coletivamente, por exemplo, textos que são fontes primárias. Por não terem sido escritos com finalidade didática, esses textos podem apresentar-se como um desafio para os alunos. Com a leitura coletiva, a chance de compreensão é maior. Espera-se que ao longo dos bimestres eles desenvolvam melhor a capacidade leitora, e, então, pode-se escolher utilizar ou não esse tipo de leitura coletiva para o trabalho com fontes históricas.

Organizar leituras coletivas também pode ser uma maneira de estabelecer conexões entre os alunos, melhorando as relações interpessoais e ajudando-os a trabalhar em grupo, contribuindo, dessa maneira, para o desenvolvimento da **Competência Geral da Educação Básica no 8** e da **Competência Específica de Ciências Humanas no 1**.

Acompanhamento constante da aprendizagem

O acompanhamento da aprendizagem dos alunos é um dos aspectos decisivos do trabalho do professor. Em primeiro lugar, é necessário ressaltar o fato de que a avaliação do processo de aprendizagem não pode ser feita de forma descontínua, ou apenas no encerramento de um bimestre. Deve ser acompanhada de forma constante, no dia a dia, com a intenção de intervir sempre que houver necessidade. Em geral, não existem turmas homogêneas, nas quais todos os alunos aprendam no mesmo ritmo e nas mesmas condições. A realidade que o professor encontra em suas turmas é de um mosaico de situações e de ritmos de aprendizagem diferentes. Diante desse desafio, é preciso atentar a alguns aspectos essenciais para que a aprendizagem dos alunos seja significativa.

Segundo a BNCC, a absorção do conhecimento histórico ocorre por meio de *processos*, os quais conduzem à condição de *atitude historiadora*, que é:

“[...] uma forma de indagar sobre as coisas do passado e do presente, de construir explicações, desvendar significados, compor e decompor interpretações, em movimento contínuo ao longo do tempo e do espaço. Enfim, trata-se de transformar a história em ferramenta a serviço de um discernimento maior sobre as experiências humanas e as sociedades em que se vive.”

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC; Consed; Undime, 2017.  
p. 399. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 8 set. 2018.

No documento é proposta uma série de processos de aprendizagem, do simples ao complexo, para atingir esses objetivos. Dessa forma, os alunos que estarão concluindo o ensino fundamental precisarão ser capazes de *identificar* questões e objetos de estudo, *contextualizar* processos históricos, *comparar* situações históricas, *interpretar* os significados desses processos e, por fim, *analisar* esses processos para conseguir problematizá-los. Essas etapas, fundamentais para a formação de um sujeito autônomo, capaz de pensar por si e perceber e analisar relações, processos, contextos e visões de mundo distintas, devem ser contempladas ao final do ensino fundamental.

Por essa razão, o acompanhamento do processo de aprendizagem precisa ser constante. O professor pode aplicar, por exemplo, atividades de sistematização do conteúdo para aferir se os alunos compreenderam os principais pontos do conteúdo estudado. Em seguida, pode propor atividades de aprofundamento para verificar se os alunos conseguem aplicar os conteúdos apreendidos em situações mais complexas de análise.

As Sequências Didáticas sugeridas neste Material Digital apresentam diferentes opções de avaliação dos conteúdos, ampliando o leque do professor para acompanhar a evolução dos alunos. Este material contém, ainda, sugestões de avaliação do conteúdo do bimestre, com detalhamento das habilidades avaliadas, orientações para interpretação das respostas e acompanhamento da aprendizagem dos alunos. Por meio desses recursos, o professor pode verificar se os alunos conseguem identificar, comparar, contextualizar, interpretar e analisar os processos históricos de forma coerente e sistemática.

É provável que alguns alunos tenham mais dificuldades em acompanhar a turma e precisem de mais ajuda. Nesse caso, o professor deve utilizar diferentes estratégias pedagógicas. Por exemplo, se, com a aula expositiva dialogada, os alunos não atingiram os objetivos, ofereça outras oportunidades de aprendizado, como um trabalho de pesquisa e redação. Para oferecer maior repertório aos que já superaram as primeiras etapas, podem-se propor, por exemplo, trabalhos que envolvam a análise e a interpretação de fontes primárias sobre determinado tema da história.

Na parte referente a cada bimestre do ano letivo, você encontrará um quadro com os requisitos mínimos a serem atingidos pelos alunos para que possam dar continuidade aos seus estudos.

Bibliografia

BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 1999.

CERRI, Luis Fernando (Org.). *Ensino de história e educação*: olhares em convergência. Ponta Grossa: UEPG, 2007.

COLL, Cesar; POZO, Juan Ignacio; SARABIA, Barnabé; VALLS, Enric. *Os conteúdos na reforma*: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artmed, 1988.

CORTELLA, Mario Sérgio. *Educação, escola e docência*: novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014.

MARTINEZ-MUT, Bernardo; GARFELLA, Pedro. A construção humana através da aprendizagem significativa: David Ausubel. In: MINGUET, Pilar A. (Org.). *A construção do conhecimento na educação*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

PACHECO, José. *Aprender em comunidade*. São Paulo: Edições SM, 2014.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *Escola da Ponte*: formação e transformação da educação. Petrópolis: Vozes, 2008.

PAULA, Flávia A. *Lições, deveres, tarefas, para casa*:velhas e novas prescrições para professoras. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/253414/1/Paula_FlaviaAnastaciode_M.pdf>>.   
Acesso em: 22 ago. 2018.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação*: da excelência à regulação das aprendizagens. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PINSKY, Jaime. *O ensino de história e a criação do fato*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

VASCONCELOS, Mario Sérgio. *A difusão das ideias de Piaget no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.